

Regionalidade e Literatura: O Autor Sul-Rio-Grandense na Escola de Ensino Médio

Maria Ivanete da Silva Ramos¹

RESUMO

O artigo é parte integrante da dissertação de Mestrado que analisa a presença ou não dos escritores do Rio Grande do Sul no ensino de literatura de duas escolas da cidade de Gramado e de duas da cidade de Canela. Pensou-se o estudo da literatura e a sua relação com a educação considerando-se que as duas áreas estão inseridas no contexto social. Propõe-se, assim, a reflexão sobre a inserção do homem no meio em que vive sob o ponto de vista da concepção teórica sócio-interacionista, que defende um modo inovador de entender a educação. De acordo com essa teoria, a aprendizagem é um processo contínuo e progressivo, que depende das relações entre os indivíduos e a sociedade. Acredita-se que a literatura sul-rio-grandense dispõe de instrumentos capazes de possibilitar o crescimento intelectual do aluno nos aspectos que dependem do domínio dos meios sociais de pensamento, sempre que conhecimento adquirido tenha como ponto de partida instrumentos lingüísticos e experiências socioculturais próximas de sua realidade.

Palavras-chave: Literatura. Leitura. Regionalidade. Sociedade. Ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

The research analyzes the presence or not of the writers of the Rio Grande do Sul in the education of literature of two schools of the city of Gramado and two of the city of Canela. One thought the study of literature and its relation with the education considering itself that the two areas are inserted in the social context. It is considered,

thus, the reflection on the insertion of the man in the way where it lives, under the point of view of the theoretical conception partner-interacionista, who defends an innovative way to understand the education. In agreement sound this theory, the learning is a continuous and gradual process that depends on the relations between the individuals and the society. One gives credit that literature south-river-grandense makes use of instruments capable to make possible the intellectual growth of the pupil in the aspects that always depend on the domain of the social ways of thought that acquired knowledge has as starting point linguistic instruments and sociocultural experiences next to its reality.

Keywords: Literature. Regional. Society. Teaching Learning. Reading.

Quando o assunto é literatura e leitura, o senso comum costuma dizer que é preciso desenvolver o “hábito da leitura” nos jovens. Entende-se que a leitura não é hábito e também que não pode ser reduzida simplesmente “à formação de habilidades”, em que “durante a aprendizagem de uma operação” se “adquire a capacidade de criar estruturas de certo tipo, independentemente dos materiais com os quais se está trabalhando”. Assim, não se pode imaginar a leitura como um aprendizado “limitado a um processo de aquisição de hábitos e habilidades”, mas como algo que implica “operações apropriadas sobre o meio ambiente”

¹Mestre em Letras e Cultura regional pela UCS. Professora de Literatura dos Ensinos Fundamental e Médio do Colégio Estadual Santos Dumont – Gramado/RS. E-mail: mariaivanete@via-rs.net.

(VYGOTSKY, 1998, p. 109) dos alunos. Portanto, ensinar literatura é proporcionar ao aluno contato direto com o texto, para levá-lo a pensar, confrontar idéias, observar realidades e situações, para saber contestá-las e interferir nelas, se necessário. Nesse contato direto do aluno com a obra literária, quanto mais próxima ela estiver de sua realidade social, maior a possibilidade de espaço para reflexão produtiva e crítica.

Três são os objetivos deste artigo. Em primeiro lugar, levar o professor a refletir sobre o ensino de literatura considerando diferentes ângulos do tema; em segundo, a possibilidade de pensar mudanças na práxis pedagógica, sabendo que isso implica a adoção de uma metodologia embasada em estudos teóricos sobre questões de leitura, como sua natureza, métodos para a formação do leitor e critérios para a seleção de obras literárias a serem trabalhadas no ensino; em terceiro, por ter consciência de que, quando alguém se dispõe a agir como a personagem de Platão e sair da caverna² em que se está, bombardeada, diariamente, por fórmulas pedagógicas desgastadas e por instituições cristalizadas que agem como Procusto³, impedindo-nos de ser docentes livres e criativos, necessita-se de um bom fio de Ariadna⁴ para orientar-se e encontrar saídas apropriadas.

O fio condutor, a que me refiro, é o referencial teórico, sugestões apresentadas por professores e críticos que atuam no ensino universitário, os quais foram informantes da pesquisa realizada enquanto mestranda do curso de Letras e Cultura Regional da UCS, e as respostas, fornecidas por docentes e alunos do Ensino Médio, que permitiram o levantamento de aspectos importantes do ensino de literatura, como posições sobre formas de ensinar essa disciplina, atividades realizadas pelos professores e informações sobre o gosto pela leitura do autor sul-rio-grandense, manifestado pelos alunos.

As sugestões apresentadas a seguir representam apenas uma pequena contribuição minha para o ensino de literatura.

1^a. A tarefa de leitura não deve ficar presa a roteiros preestabelecidos. O professor deve e pode favorecer uma leitura que permita o diálogo entre leitores, porque é importante levar à discussão temas ligados às experiências e vivências de cada aluno. De acordo com os consultores, a literatura tem papel “importante, se o texto literário for relacionado a outras experiências de

conhecimento de que a criança desfruta”; além disso, entende-se que aprender a ler, por meio do mundo próximo, carregado de significação para o leitor, é a melhor maneira para que, “a partir do regional”, se busque “uma forma segura de obter motivação, na base do conhecimento de outros espaços, nos quais a região se insere”.

2^a. O professor precisa reavaliar algumas concepções básicas da pedagogia da leitura literária, como: conceitos de texto, enquanto “forma de conhecimento da realidade”; de leitura, quando essa permite que “o leitor construa [...] a partir de suas vivências”; de literatura, que, “como as demais artes, contribui para a formação do sujeito e para o desenvolvimento da sua capacidade crítica e criadora”, a fim de realizar um fazer pedagógico que realmente contemple a leitura enquanto construção de sentido, “valorizando os textos, sabendo distingui-los e conhecê-los em suas características específicas”, e a fim de livrar-se do senso comum, que costuma recomendar que é preciso desenvolver o “hábito da leitura” nos jovens. Só criar hábito é muito pouco: o professor precisa levar em conta, em primeiro lugar, a escolha do texto e, em segundo, a adequação desse texto ao leitor. Assim, as fronteiras estendem-se da valorização da obra à relevância dada ao procedimento da leitura.

3^a. O professor precisa compreender que o seu papel em sala de aula deve ser o de colaborador no processo de ensino-aprendizagem, a fim de possibilitar que os aprendizes participem mais, pois, quanto maior for a participação desses, maiores as possibilidades de leituras trazidas para a sala de aula. A literatura oferece a possibilidade de ser “agente de transformação social”, proporcionando o entendimento da “humanidade pelos infinitos modos como a literatura a interpreta”, porque as relações que se estabelecem entre o estudante e o mundo ao seu redor são relações sociais, e é a sociedade que constitui a condição real, primeira em sua vida, além do vínculo familiar, determinando tanto o conteúdo como a motivação de seu aprendizado.

A leitura vai articular o desenvolvimento da criança enquanto membro de uma sociedade que lhe impõe obrigações, mas, ao mesmo tempo, vai lhe proporcionar consciência de seu papel dentro dessa sociedade. Por outro lado, o aluno leitor vai ter como ponto de partida a revelação de uma visão original da realidade, atraindo para um mundo com o qual convive diariamente, mas que até

²Em A República, de Platão, encontra-se o mito da caverna. De acordo com esse mito, quando alguém ousa sair das trevas para a luz, ao voltar não é compreendido por aqueles que fazem parte de seu grupo.

³Na mitologia grega, Procusto era um salteador sanguinário que obrigava suas vítimas a deitar sobre um sinistro leito de ferro, do qual nenhuma saía com vida: se elas fossem mais curtas que o leito, estirava-as com cordas e roldanas; se ultrapassassem as medidas, cortava a parte que sobrava. A expressão “leito de Procusto” é usada para qualquer tipo de padrão que seja aplicado à força, sem o menor respeito por diferenças individuais ou circunstâncias especiais. De acordo com BAGNO (1998), “Procusto representa a intolerância diante do outro, do diferente, do desconhecido” (p. 55).

⁴Na mitologia grega, Ariadna foi a princesa que ajudou Teseu a livrar sua pátria do Minotauro. Ela utilizou um novelo de linha, cujo fio guiou Teseu através dos escuros corredores do labirinto. Depois de derrotar o Minotauro, Teseu saiu do labirinto, enrolando o fio, durante sua volta (Idem, p. 14).

certo ponto des (conhece), e a leitura também vai proporcionar o re (conhecimento) de uma circunstância na qual está inserido.

4ª. Após reconhecer que a leitura é uma atividade decisiva na vida dos alunos, na medida em que lhes permite o discernimento do mundo e um posicionamento perante a realidade, ao professor cabe a tarefa de relacionar a literatura com outras formas de arte e outros produtos culturais da atualidade, como, por exemplo, o teatro. Nesse sentido, é importante também descobrir a especificidade e a relevância cultural da produção literária sul-rio-grandense. A lista de nomes de autores e obras sugeridas pelos críticos é bastante ampla e abrange autores de períodos literários diferentes. A qualidade dessas obras não deixa nada a desejar em relação às obras de escritores renomados, tanto nacional quanto internacionalmente.

5ª. Considerando todos os aspectos levantados a respeito da importância da literatura, enquanto “forma de conhecimento da realidade”⁵, “agente de transformação social” e “essencial para a formação de identidade”, o referencial da teoria sócio-interacionista de VYGOTSKY, que prevê a legislação, tanto pela Lei de Diretrizes e Bases, quanto pela Resolução nº 03 da CEB, considera-se que é possível a escola adotar um currículo que privilegie o autor sul-rio-grandense. Como ressaltaram os professores e críticos literários, “o conhecimento da região encontra-se na base do conhecimento de outros espaços, nos quais a região se insere”, e “o contexto regional deve ser considerado, pois auxilia na passagem do interno para o externo, do particular para o geral” e, conseqüentemente, do “regional para o universal”. Um trabalho de descoberta dos autores sul-rio-grandenses, por meio de outras formas culturais, como o teatro, a música, o filme, o documentário e a Internet, seria importante, porque a relação do leitor com a obra literária emerge da coincidência entre o mundo representado no texto e o contexto do qual participa.

6ª. Gostaria, por fim, de ressaltar que a proposta deste estudo não é sugerir que se abandone, no ensino de literatura, a leitura do texto literário do autor nacional, ou do internacional, pois “o aluno precisa também aprender que há vida inteligente fora de sua região”, mas defender que o aluno precisa “conhecer o próximo, o contextual para ter mais elementos que lhe permitam dialogar com o universal”. Nesse sentido, ao garantir espaço para a diversificação das leituras, espaço para a literatura sul-rio-grandense, a escola estará garantindo espaço não só para o regional, mas para a relação entre “culturas de diferentes nações”, sem que o aluno fique com lacunas no conhecimento de si mesmo e do ambiente no qual está inserido. Logo, não se trata de privilegiar uma literatura em detrimento de outra(s), mas de admitir que é no convívio com o texto que o leitor vai

reconhecer o contorno dentro do qual está inserido e com o qual compartilha sucessos e dificuldades, integrado às novas ferramentas para a aprendizagem, “como música, filme, documentário, televisão, cinema e internet”.

Para BOSI (1994), a arte tem “seus modos próprios de realizar os fins mais altos da socialização humana, como a autoconsciência, a comunhão com o outro, a comunhão com a natureza e a busca da transcendência” (p. 344). Portanto, a Literatura precisa ser entendida pela escola como arte que, de acordo com CÂNDIDO (2002), tem função social humanizadora (p. 87) e também serve para representar “uma dada realidade social e humana que faculta maior inteligibilidade com relação a esta realidade” (CÂNDIDO, 2002, p. 86).

Nas sociedades primitivas, homens, mulheres e crianças ficavam encantados ao ouvir uma história, porque ela falava de mistérios que, via narrativa, ficavam explicitados para todo o grupo. Com a invenção da escrita, esses fatos e acontecimentos, misteriosos a princípio, deixaram de ser apenas voz e passaram a ser registrados, oportunizando a comunicação, independentemente da distância ou do tempo.

Se narrar e contar histórias pode ser considerado um fenômeno antigo, tão antigo quanto nossos antepassados, os homens das cavernas, o texto escrito, no entanto, é um fenômeno recente. Quanto à Literatura, tal como é conhecida hoje, é mais recente ainda. Sabe-se que o fenômeno literário implica descobertas, análise de fatos e de acontecimentos, participando do processo de desenvolvimento da percepção estética e da construção do quadro de referências culturais. Mas o que realmente é a Literatura?

Conceituá-la não é tarefa fácil, pois, como se sabe, conforme a perspectiva que se adote, o mesmo objeto pode ser concebido de maneiras diversas. Através dos tempos, muitas formulações foram feitas, porém, nenhuma conseguiu ser completa e definitiva, pois cada época ou cada teórico fundamenta-se em uma determinada forma de conhecimento da vida, da arte, da palavra, dos valores e das condições humanas. Afirmar que a Literatura é a arte da palavra, a expressão mais completa do homem, conjunto das obras notáveis, não esgota a conceituação do termo, pois envolve uma gama de considerações muito além da resposta plena e definitiva à pergunta: o que se entende por Literatura? Nesse diálogo sobre o tema, vai se buscar apoio em autores e teóricos como CÂNDIDO, SARTRE, MARTINS, CHARTIER, LAJOLE e AGUIAR e SILVA, entre outros, por entender-se que eles apresentam uma visão sobre Literatura que serve para situar o assunto em pauta.

Entre os conceitos a serem apresentados, o primeiro é dado por SILVA (1968), que apresenta o termo

⁵Todas as citações sem autor pertencem aos consultores da pesquisa realizada, enquanto mestranda do Curso de Letras e Cultura Regional da UCS.

sob o ponto de vista etimológico, em que a palavra “literatura representa um derivado erudito do termo latino *litteratura* [...] foi decalcado sobre o grego $\mu\mu$ [...] em latim, *litteratura* significava instrução, saber relativo à arte de escrever e ler, ou ainda gramática, erudição” (p. 19 e 20).

Essa idéia de literatura enquanto instrução vai perdurar até o século XVIII, quando se tem então “a noção de literatura como criação estética, como específica categoria intelectual e específica forma de conhecimento” (SILVA, 1968, p. 21). Por essa definição, é possível perceber o quanto a noção de literatura está associada à atividade intelectual superior, elitizada e de altos saberes. Essa elitização deve-se ao fato de o ser humano ter adquirido a capacidade de representar tudo o que o cerca por meio da linguagem e, como afirma LAJOLO (1982), “nessa faculdade de simbolização, estava latente a possibilidade de conhecimento e domínio” (p. 32), embora nem sempre tenha sido assim, pois, de acordo com LAJOLO (1982):

os textos a que a tradição reserva o nome de literatura, embora nascendo de uma elite e a ela dirigida, não costumam confinar-se às rodas que detêm o poder. O mundo representado na literatura, simbólica ou realistamente, nasce da experiência que o escritor tem de uma realidade histórica e social muito bem delimitada (p. 64 e 65).

Acredita-se que, devido a essa relação da literatura com a realidade histórica é que passou a existir a preocupação dos primeiros críticos literários em arrolar, cronológica e sucessivamente, autores nascidos em um determinado território e obras escritas em uma dada língua. Essa atitude indicou uma preocupação maior com a evolução histórica dos acontecimentos relacionados ao fato literário do que com a evolução de estilo. Isso fica claro quando se toma como exemplo parte dos escritos de um país ou de uma época, como argumento da unidade de um determinado território. SILVA (1968), ao se referir à definição de Literatura no século XIX, afirma que, nesse período, a palavra possuía as seguintes acepções:

- a) conjunto da produção literária de uma época [...] ou de uma região. b) conjunto de obras que se particularizam e ganham feição especial quer pela sua origem, quer pela sua temática ou pela sua intenção [...]
- c) bibliografia existente acerca de um determinado assunto. d) retórica expressão artificial (p. 22).

Como se vê, essas quatro definições centram-se na idéia de conhecimento produzido e, pensando-se a Literatura enquanto retórica de expressão artificial, pode-se dizer que ela foi considerada pelos teóricos dessa época como algo de pouca ou sem importância.

Entretanto, ainda no século XIX, a literatura deixa de ser considerada apenas o conjunto de

conhecimentos produzidos, para ser vista como um grupo de autores e obras consagrados. Até aqui, a questão restringe-se à evolução semântica do termo e só isso é muito pouco para estabelecer um conceito que não apresente controvérsias, devido à multiplicidade de sentidos. O que interessa, nesta abordagem, é o conceito de “literatura como atividade estética, como os produtos, as obras daí resultantes” (SILVA, p. 23), produzidas em um espaço social, histórico e cultural, no qual ocorre a interação leitor-texto.

Modernamente, várias definições e interpretações para o termo literatura se cruzam. Para CÂNDIDO (1976):

a literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é um produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo (p. 74).

Nesse sentido, a literatura pode ser concebida como fenômeno social porque utiliza a linguagem – que é, também, criação social - e porque apresenta convenções e normas surgidas em sociedade. Por outro lado, tanto a produção do texto literário pelo autor, quanto a recepção pelo leitor são dinâmicas e possuem um papel social liberador e emancipador que SARTRE (1989) chama de “alegria estética” (p. 47) e que nada mais é do que a liberdade desvendada pelo escritor para o leitor. Ainda, de acordo com CÂNDIDO (2002),

a literatura é, sobretudo, uma forma de conhecimento, [...] a obra literária significa um tipo de elaboração das sugestões da personalidade e do mundo que possui autonomia de significado; mas que esta autonomia não a desliga de suas fontes de inspiração no real, nem anula sua capacidade de atuar sobre ele (p. 85).

Posto isso, cabe enfatizar suas funções. SARTRE (1989) salienta que, quando

o escritor decidiu desvendar o mundo e especialmente o homem para os outros homens, a fim de que estes assumam em face do objeto, assim posto a nu, a sua inteira responsabilidade. [...] Do mesmo modo, a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele (p. 21).

Ou seja, a literatura tem a função de representar a vida, enquanto realidade social e cultural. Sendo assim, as manifestações literárias atuam enquanto elementos

formadores de uma determinada comunidade cultural⁶ e enquanto agentes de transformação social.

Mesmo que teóricos, como SILVA (1968), apresentem outras funções para a literatura, como hedonista, ou atribuam à literatura “finalidade pedagógico-moralista”⁷ (p. 61), optou-se pela idéia da literatura em suas dimensões sociais com possibilidade de “tensão entre complexos elementos”, sejam eles “afetivos, cognitivos e apelativos” (SILVA, 1968, p. 133). É CÂNDIDO (1976) quem explicita essas idéias, ao dizer que a literatura possui “função total, função social e função ideológica” (p. 45). Para o autor, a função total “deriva da elaboração de um sistema simbólico, que transmite certa visão do mundo por meio de instrumentos expressivos adequados” (p.45). Nesse aspecto, a função da literatura estaria no âmbito das representações individuais e sociais, inscrevendo-se em aspectos grupais, e a linguagem é que faria essa intermediação entre um grupo e outro. Por sua vez, a “função social comporta o papel que a obra desempenha no estabelecimento de relações sociais, na satisfação de necessidades espirituais e materiais, na manutenção ou na mudança de uma certa ordem na sociedade” (p. 46). Ou seja, a literatura é entendida como representação de uma realidade social e humana e como possibilidade de interferência na realidade.

Isso quer dizer que uma obra não só nasce vinculada a uma realidade determinada, como também interfere nessa realidade e auxilia o processo de transformação social. Um último aspecto seria a “função ideológica” da literatura, significando que ela se refere em geral a um sistema de idéias” (p. 46).

Acredita-se que SILVA, SARTRE e CÂNDIDO estão de acordo quanto à idéia de que, “através dos tempos, a literatura tem sido o mais fecundo instrumento de análise e de compreensão do homem e das suas relações com o mundo” (SILVA, p. 95). Para SARTRE, no entanto, a função da obra só adquire verdadeiro significado ao completar-se na leitura: pois o “objeto literário atua como um estranho pião, só existe em movimento, para fazê-lo surgir é necessário um ato concreto que se chama leitura, e ele só dura enquanto essa leitura durar” (p. 35). Dessa forma, é possível observar que, além da importância dada à relação entre o autor e sua obra, atribui-se ao leitor um papel fundamental, porque é ele quem vai constituir um significado definitivo para o texto.

Assim, é possível pensar a obra literária não como um objeto autônomo, que existe independentemente de seu autor, mas como um ato criativo desse autor, um ato que se refere, ao menos, a uma porção de sua consciência é um ato que se completa no processo de interpretação, a cada leitura do texto. Esse processo de

interpretação é importante porque pressupõe a interação entre autor/texto/leitor no momento em que se realiza a leitura. É SILVA (1968) quem afirma que:

a obra literária – transforma-se [...] em objecto essencial para seu leitor. O objecto literário, com efeito, não existe plenamente senão no acto da leitura, correlativo dialéctico da operação de escrever, e estes dois actos necessitam de dois agentes distintos, porque o escritor não pode ler o que escreve (p. 108).

Por isso, ao entrar em contato com o texto, o leitor vai construir um sentido para ele, devido a sua experiência, sua expectativa, seu conhecimento da realidade, seu gosto e sua cultura, pois, de acordo com MARQUES (1999), o texto pode ser tomado “como uma grande metáfora da cultura” (p. 63). Para o autor, a cultura não deve ser vista “como algo já dado e acabado, mas como algo marcado por uma heterogeneidade radical, que está sempre se fazendo e se refazendo, incessante e continuamente, por meio da ação de diversos e diferenciados atores culturais, com suas leituras e escrituras” (p. 63). A partir disso, é possível pensar a leitura enquanto fenômeno histórico e social, considerando-se que um texto não prescinde da figura do autor, do leitor nem das condições de produção da leitura.

Portanto, para melhor compreender a leitura enquanto fenômeno que tem uma história e uma função social, considera-se importante pensar nas condições de sua produção, porque são elas que contribuem para as diferentes formas de ler. Como exemplo, pode-se tomar a interação em sala de aula, por ela proporcionar momentos de troca, de reflexão sobre a leitura de um tipo de texto, o literário. E essa interação de forma alguma será eficiente, se for proporcionada por uma escola como a que MARQUES (1999) afirma estar em crise por ser apenas “produtora de um conhecimento compartimentalizado, ancorado no imperialismo epistemológico de certas ciências, fator que a converte em instituição divorciada da sociedade e incapaz de alterar o rumo da História” (p. 63).

Para que conhecimento significativo aconteça, é necessário que os professores não só transmitam conteúdos, mas que ensinem o aluno a aprender. E, ensinar a aprender é dar possibilidade, a ele, de chegar sozinho às fontes do conhecimento disponíveis na sociedade. Ensinar a aprender implica sermos professores Ariadna, que, além de mostrar o caminho, também orientam o educando para que ele desenvolva o olhar crítico sobre a realidade na qual está inserido.

⁶WELLEK & WARREN (1949) apresentam três elementos interligados, que formariam o que se pode chamar de comunidade cultural: o escritor – sua origem, condição e ideologia social; o conteúdo social, das implicações e finalidades sociais das obras literárias, e o público, que é o elemento sobre o qual a obra literária vai exercer influência social (p. 115).

⁷A concepção de que a poesia é prazer (análogo a qualquer outro prazer), ou seja, tem função hedonista, opõe-se à de que a poesia é instrução (análogo à de qualquer compêndio informativo) (Ibidem, p. 32).

Professor Ariadna, principalmente aquele que trabalha com o Ensino de Literatura, necessita ter presente que o contexto, no qual está inserido, é de mudanças e transformações. Necessita lembrar que, fora da sala de aula, existe vida, e vida dinâmica, a qual precisa se fazer presente, também, dentro da Escola, pois os conteúdos de Literatura devem ser conteúdos vivos e dinâmicos, e os alunos podem e devem manifestar-se, conscientemente, sobre eles.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola**: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CÂNDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira**: momentos decisivos. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1997.
- CÂNDIDO, Antônio. Literatura e Sociedade. **Estudos de teoria e história literária**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- CÂNDIDO, Antônio. Na Sala de aula. **Caderno de análise literária**. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- CÂNDIDO, Antônio. **Textos de Intervenção**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, Editora 34, 2001.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2000.
- LAJOLO, Marisa. **O que é literatura?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.
- LAJOLO, Marisa. Usos e Abusos da Literatura na Escola. **Bilac e a Literatura Escolar na República Velha**. Rio de Janeiro e Porto Alegre: Editora Globo, 1982.
- MARQUES, Reinaldo. Culturas, contextos discursos. In: **Literatura comparada e estudos culturais**: diálogos interdisciplinares. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.
- SARTRE, Jean-Paul. **O que é Literatura?** São Paulo: Ática, 1989.
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. **Teoria da Literatura**. Coimbra: Livraria Almedina, 1968.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.